

O Espírito Santo e a Assembleia litúrgica

Arthur José Torres da Conceição ¹

Resumo: As restrições que se impuseram ao culto cristão neste longo tempo de pandemia chamaram a atenção para a comunidade que se reúne para celebrar. Essas situações impositivas, afetaram a manifestação principal da Igreja: a assembleia litúrgica. Diversas iniciativas continuam acontecendo para que, diante desses novos desafios, a consciência sobre a natureza da assembleia redescubra sua sacramentalidade e não seja retrocedida ou descaracterizada. Nesse âmbito precisamos retomar os ensinamentos do Concílio Vaticano II em suas fontes, princípios e documentos. Neles encontramos uma pneumatologia da liturgia subjacente na constituição litúrgica conciliar. Ao nos depararmos com a natureza da liturgia podemos constatar os temas do Espírito Santo e da assembleia em estreita relação. Nosso escopo será, então, reunir os extratos do Concílio e da teologia posterior para apresentar em linhas gerais o resultado dessa relação para o pensamento teológico hodierno. Para tanto, nosso método será a pesquisa bibliográfica. Com isso, compreenderemos que, mesmo em meio aos desafios impostos, a assembleia litúrgica permanece viva, sacramental e atual porque o Espírito Santo, que está na Igreja, continua na liturgia do templo e das casas operando a salvação realizada por Cristo no “hoje” da história.

Palavras-chave: Espírito Santo. Assembleia litúrgica. Concílio Vaticano II. Teologia.

INTRODUÇÃO

Na história da salvação a assembleia ocupa um lugar primordial. Os relatos bíblicos acentuam a realização do projeto divino na reunião das pessoas que foram chamadas para fazerem parte do povo eleito. Essa reunião marcava a identidade do povo. A sua compreensão limitava-a ser uma exclusividade que não admitia estrangeiros ou pessoas postas à margem. Com a plenitude dos tempos a reunião é universalizada – atingindo portanto seu verdadeiro sentido. O ministério de Jesus é a prova mais eloquente do seu desejo de congregar numa unidade todos aqueles que estavam dispersos. Desse modo, a obra salvífica se realizava durante sua vida e atingiu seu ápice no mistério de sua páscoa. Por ocasião de sua ressurreição, Jesus encaminha a comunidade dos discípulos e discípulas a continuação seu projeto redentor. Para tanto, envia o Espírito Santo para reunir e constituir todas as pessoas participantes de sua vida divina sendo edificadas em templos vivos e membros de seu corpo místico. Todas essas realidades tem seu lugar fundamental na celebração litúrgica.

O Concílio Vaticano II em seu desejo por um *aggiornamento*, voltou às fontes bíblicas e patrísticas para compreender melhor a natureza e missão da Igreja na contemporaneidade. Na práxis, esse entendimento teve seu início pela liturgia, considerada fonte e meta da ação e vida da Igreja. O primeiro documento, a constituição *Sacrosanctum Concilium* conferiu a identidade teológica da liturgia – o que em toda a história da Igreja não havia sido feito. Ao

1 Mestre em Teologia sistemático-pastoral. PUC-Rio. E-mail: arthurus03@gmail.com

apresentar a natureza da liturgia, a Igreja a identificou em todo o percurso da história da salvação que está por concluir-se. A liturgia é a obra da salvação realizada por Cristo e que continua na Igreja. Isso é levado a efeito quando a Igreja se reúne para celebrar na potência do Espírito como destacou o documento e que neste momento temos a intenção de apresentar. Contudo, evidenciaremos três momentos: a revelação bíblica, o Concílio Vaticano II e a teologia posterior a fim de extrairmos as consequências pastorais para o seu entendimento e aplicabilidade na vida cúlrica da Igreja.

1 AS ASSEMBLEIAS DA REVELAÇÃO E A SUA RELAÇÃO COM O ESPÍRITO SANTO

A teologia que o Concílio Vaticano II delineou sobre a liturgia da Igreja teve por fundamento o retorno às fontes. Nesse sentido, a Escritura e os Padres foram materiais indispensáveis para que tudo estivesse na esteira da Revelação e da Salvação. Sendo do nosso interesse extrair o viés pneumatológico das assembleias bíblicas nos determos em apenas algumas que julgamos mais convenientes nessa exposição.

No Antigo Testamento, a Assembleia do Sinai é o paradigma de todas as demais assembleias. Nela, não encontramos uma revelação explícita do Espírito Santo, mas pelos dados informados em todo o relato, podemos verificar a sua presença através da simbologia cósmica ali contida. Nas assembleias posteriores ao evento do Sinai, a presença do Espírito continua nesta perspectiva cósmica, mas também é identificada em outros elementos que estão presentes no culto, como tais, citamos: no anúncio da Palavra (leitura do texto, pregação e entendimento), na dedicação do templo, no assentimento de todo o povo, nos sentimentos que brotavam da acolhida/ resposta do povo celebrante. Esses elementos foram figura de tudo o que alcançou seu pleno sentido na vida de Jesus.

O Espírito aparece como elemento relacional, realidade dinâmica. Em Deus, é seu poder de ação em relação ao homem. Na natureza é elemento do qual Deus se serve em benefício do homem. No homem, é sua vitalidade, isto é, seu sopro e que inspira seu comportamento. Ele não lhe pertence, permanece precário e pode mesmo lhe ser retirado. Recebe-o de Deus e não poderia existir sem ele. O Espírito cria ambiente de vida, espaço vital onde o homem, sob sua influência, pode agir e dar testemunho daquele que o envia (VV.AA. 1988, p. 12-13).

Como sabemos, todos os eventos que circundavam a encarnação e nascimento de Jesus tiveram a presença discreta do Espírito Santo. Ele concedeu o dom de Deus para que aquela assembleia que se reunia nesses eventos pudessem ver, compreender e participar da vida do Messias esperado. Em seu Batismo, o Espírito é apresentado em forma de pomba e pousa sobre ele. Mas será somente, na sinagoga de Nazaré que Jesus é revelado como o possuidor do Espírito para uma missão que o Pai lhe enviara: reunir todos e sem exclusões e libertá-los. Ao anunciar o seu projeto salvífico naquela assembleia que se reunia para a escuta da Palavra, a

comunidade fixa o seu olhar naquela Palavra viva que se cumpria e estava presente no meio deles. A partir de então, Jesus realiza a missão: reunir em si aqueles que não haviam entendido o sentido pleno da lei, os pagãos, os marginalizados e excluídos.

Não pode faltar ninguém porque sua assembleia, por sua natureza, é integral. Para tanto e durante toda a sua vida, Jesus é conduzido pelo Espírito e por onde passa forma comunidades de discípulos. Dentre esses, chama os apóstolos para colaborarem com maior proximidade e continuarem a sua missão. A esses, Jesus promete o Espírito Santo para que, agindo neles deem continuidade ao seu projeto reunidor porque Ele mesmo prometeu estar entre aqueles que invocarem seu nome.

O Espírito de Deus preside todo o mistério de Jesus. Através das obras, dos gestos e das palavras que ele realiza no meio do povo de sua raça, Jesus comunica-lhe este mesmo Espírito. Com sua prática, Jesus portador do Espírito por excelência, começa a nova criação, isto é, faz nascer o novo homem e nova mulher (BOFF, 1996, p. 42).

Tanto na Páscoa quanto em Pentecostes, a comunidade convocada e atenta à Palavra do Mestre, encontra-se reunida em assembleia para a oração. E nessas liturgias, o Espírito Santo é soprado para a remissão dos pecados e pousa em forma de línguas de fogo para a difusão da Boa Nova. Nesses cenários, os fenômenos cósmicos da assembleia do Sinai são atualizados e tudo o que havia sido levado a plenitude por Jesus continua sob a condição de sacramento. Ele continua reunindo o seu povo sob outra modalidade que instituiu. Nesse sentido, a liturgia é, então, o *locus* privilegiado dessa ação divina.

Os apóstolos, Paulo e as comunidades cristãs primitivas, guiadas e iluminadas pelo Espírito Santo compreenderam e continuaram a redenção realizada por Jesus. No primeiro dia da semana, sempre se reuniam para celebrar e recordavam os mistérios da vida de Cristo lendo passagens da Escritura, fracionando o pão, dando graças e partilhando os bens tal como Jesus fez e ensinou (At 2, 42-47). A isto, o relato bíblico é claro ao dizer que muitos se ajuntavam aos grupos apostólicos e passavam a viver vinculados à uma comunidade cristã. Várias passagens bíblicas do Novo Testamento atestam a presença do Espírito nas comunidades, nas pessoas e sobretudo quando se reuniam para o culto. Será então sob o signo do Espírito que a vida cristã se difundirá e se estabelecerá em comunidades. Com isso fica claro, que a assembleia de culto é o sinal mais eloquente do cristianismo até porque foi elevada por Cristo à condição de sacramento – conforme ensina a teologia do Concílio Vaticano II.

O Espírito é a força unificadora e criativa que dá origem à comunidade cristã, expressa no termo *koinonia*, que aponta para uma participação mútua no Espírito e para uma solidariedade (i.e., comunidade) criada pelo Espírito. Nessa nova solidariedade, o Espírito confere

dons diferentes a pessoas diferentes que devem se reunir e trabalhar juntas, como os vários membros de um corpo natural, formando assim o corpo de Cristo na Terra para servir ao Senhor (PAIGE, 2008, p.494).

2 A RELAÇÃO ENTRE ESPÍRITO SANTO E LITURGIA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Ao apresentar a natureza da liturgia na constituição *Sacrosanctum Concilium*, os padres conciliares delinearam a partir da história da salvação o modo como que a obra de salvação realizada por Cristo continua na Igreja. Ao final da apresentação, identificou que a reunião cristã, a leitura da Escritura, a Eucaristia e a oração da Igreja acontecem “na força do Espírito Santo” (SC 6). Embora o Concílio tenha tido um caráter eminentemente pneumatológico, a atenção dada ao Espírito Santo, artífice e promotor de toda a vida da Igreja, sobretudo no âmbito litúrgico, não foi dispensada à altura.

[...] A renovação eclesial originada pelo Vaticano II, na verdade, tem sua origem na própria ação do Espírito Santo que age e mostra sua maneira de conduzir a Igreja nos tempos atuais. A tradicional imagem do Vaticano II como sendo a abertura das janelas eclesiais para que o vento ali soprasse em vista da atualização de suas práticas, remete diretamente ao Espírito Santo, que é entendido como sopro de Deus e como aquele que renova todas as coisas. Dentro desta perspectiva se entende como se possa dizer que o Espírito é O sujeito da reunião conciliar (MANZATTO, 2015, p. 362).

No desejo de um retorno às fontes, o Concílio visitou, além dos textos da Escritura, o conteúdo teológico produzido pelos Padres da Igreja. Na esteira dessas duas fontes, delineou uma teologia substanciosa nos documentos e que ainda carecem de conhecimento e aprofundamento. Essa relação entre Espírito Santo e liturgia foi apresentada de forma esparzida. Nesta exposição apresentaremos apenas alguns tópicos a fim de ilustrar e fundamentar o escopo de nossa exposição.

A constituição litúrgica identifica na potência operativa do Espírito Santo todo o protagonismo na ação litúrgica. Será Ele que tornará presente, vivo e real a continuação da obra salvífica; exatamente como Cristo ordenou e prometeu. A assembleia-Igreja, por sua vez, invoca o Espírito Santo em toda a sua liturgia (e não apenas em partes determinadas) para que o mistério pascal de Cristo, motivo da reunião celebrativa dos cristãos, seja levado a efeito. Corroborando a teologia litúrgica do documento conciliar, a constituição *Lumen Gentium* atribui à vitalidade dos sinais sacramentais à força do Espírito para a consolidação da unidade do corpo místico de Cristo quando está celebrando o culto, ou seja, em assembleia (LG 3. 4.13.34.48.50). A constituição *Dei Verbum* complementa o ensinamento sobre a presença de

Cristo na Palavra, pois é o Espírito Santo que transforma a Escritura em Palavra da Salvação e a fecunda a vida de todo aquele que crê para operar as maravilhas de Deus (DV 8.23).

Numa visão antropológica, a constituição *Gaudium et Spes* ensina que o Espírito Santo associa todas as pessoas ao mistério pascal de Cristo por uma forma conhecida apenas por Deus (GS 22). Nesse âmbito, os leigos e leigas encontram na liturgia, como descreve o documento conciliar *Apostolicam Actuositatem*, a primordialidade da presença e ação do Espírito nos sacramentos e nos ministérios, que por sua vez, confere dons particulares a todos para edificarem toda a Igreja e todo o mundo (AA 3-4).

A tímida pneumatologia da liturgia que o Concílio acenou com muita discrição continua sendo desenvolvida pela teologia posterior. Nesse sentido, destacamos o Catecismo da Igreja Católica e a encíclica *Dominum et Vivificantem*. No viés litúrgico, a encíclica concentra sua atenção sobre a Eucaristia, onde age o Espírito para estabelecer a comunhão consigo, com Deus e com os outros. Desse modo, e retomando o ensinamento de Constantinopla, o Espírito é reafirmado como “Senhor que dá a vida”.

O Catecismo da Igreja Católica dedica uma pequena, mas substancial exposição sobre a pneumatologia da liturgia. Inicialmente, atribui ao Espírito as funções de “pedagogo da fé” e “artífice das obras divinas”, ou seja, os sacramentos. Em seguida, por meio de quatro expressões verbais apresenta sua atuação na liturgia: “prepara a Igreja para encontrar seu Senhor, recorda e manifesta Cristo a fé da assembleia, torna presente e atualiza o mistério de Cristo e une a Igreja à vida e missão de Cristo” (CCE 1098).

Ao “preparar”, o Espírito age no avivamento da fé para a conversão e o acolhimento da novidade que será trazida quando “recordar” as maravilhas de Deus em toda a história da salvação. Sendo Ele, a “memória viva da Igreja”, abrirá as mentes de todos aqueles que ouvem a Palavra proclamada na liturgia para entender o presente e despertar a ação de graças e a doxologia. Com isso, todas as realidades sacramentais, segundo o pensamento do Concílio, são atualizadas. Isso significa dizer que a assembleia é posta em contato vivo e real com a salvação realizada por Cristo no hoje da história dos homens. O Espírito, que perpassa toda a celebração, é invocado especificamente sobre os dons do pão e do vinho e sobre a comunidade para a transformação na vida em Cristo. Esse ato é fundamentalmente unitivo, pois o Espírito é a amálgama da comunhão dos homens com Deus e entre si. Desse modo, aquela assembleia que acolheu a presença de Cristo em sua vida é impelida pelo mesmo Espírito que a plasmou (configurou) a “glorificar o Senhor com a vida... levando a alegria de Jesus ressuscitado”. Assim, frutificam e edificam da Igreja quando vão estabelecendo a presença de Deus no mundo (que se dá na vida de cada batizado e de cada pessoa também).

Terminada a celebração litúrgica, não se esgota a obra do Espírito. Ele [...] faz com que [os fiéis] vivam no culto da existência quotidiana o sacerdócio real e o culto espiritual. O Espírito Santo, finalmente, prolonga a presença viva de Cristo nos fiéis, transforma-os `imagem do Primogênito. [...] A liturgia da Igreja aparece, assim, com a contri-

buição de uma releitura da ação do Espírito Santo nela, uma obra da Santíssima Trindade (CASTELLANO, 2008, p. 200-201).

3 O ESPÍRITO SANTO E A ASSEMBLEIA LITÚRGICA

O itinerário que percorremos até o presente nos apresentou os traços fundamentais que a Igreja compreendeu sobre a presença e ação do Espírito Santo na Liturgia. Como vimos, a reunião é uma convocação de Deus para constituir um povo que lhe pertença. Essa convocação é dirigida a todos e encontra na liturgia a sua melhor expressão e realização. A assembleia litúrgica é a primeira expressão visível da Igreja. Nela, as reuniões de culto em toda a Revelação bíblica são a manifestação visível da presença de Deus que fala pela Palavra e através de seus mediadores e propõe uma aliança. Esse conteúdo fundamental assinala fortemente a liturgia cristã. Vimos que em todas elas está presente de forma oculta e revelada a presença do Espírito Santo que operando na história realiza e continua a redenção de Cristo na vida da Igreja e no coração dos batizados e de todas as pessoas.

Toda a assembleia cristã como tal, [...] possui valor de sinal da liturgia enquanto é convocação de Deus em Cristo Jesus, a reunião “no nome” de Cristo, congregação *populus Dei* e, como tal, realiza em si a *ekklesia* de Deus (*qahal Yahweh*) do Antigo Testamento. É a expressão máxima da comunidade local e da Igreja universal e já é um primeiro esboço da sombra anunciadora da liturgia cósmica e perfeita da Jerusalém celeste de que fala o Apocalipse (VAGAGGINI, 2009, p. 185).

O mistério pascal de Cristo é atualizado na força do Espírito toda a vez que a assembleia é constituída para celebrar, sobretudo no dia do Senhor. Vale ressaltar que a Escritura fundamenta com propriedade que a invocação do Espírito Santo na liturgia é realizada porque os atos salvíficos que nela são realizados são exclusivamente da competência divina porque nenhum ser humano está credenciado a realizar o que Deus faz.

A liturgia cristã não somente recorda os acontecimentos que nos salvaram, como também os atualiza, tornando-os presentes. O mistério pascal de Cristo é celebrado, não é repetido; o que se repete são as celebrações; em cada uma delas sobrevém uma efusão do Espírito Santo que atualiza o único mistério (CEC 1104).

A reunião, a leitura da Escritura, a Eucaristia e a ação de graças assinalam a estrutura da celebração do mistério pascal que é vivificado pelo Espírito para que a participação no Corpo e no Sangue de Cristo os constitua num só corpo. Diversos são os sinais que acompanham e manifestam a assembleia congregada pelo Espírito: a linguagem, as expressões verbais, os gestos, atitudes corporais, os símbolos naturais e o silêncio. Com isso, toda a comunidade celebrativa é fecundada pelo Espírito Santo e se torna pneumatófora – portadora do Espírito.

A ação do Espírito Santo na assembleia compreende a convocação, a celebração e a missão. Ele age no interior de cada pessoa chamando-a à conversão torna-a participante da vida divina e a assinala-a como membro da comunidade. Por fim, a envia em missão para que transfigurada em Cristo difunda a Boa nova que a transformou. No testemunho cristão, o Espírito, como prometeu Jesus, falará pela vida da pessoas, servindo-se sobretudo de sua voz (humana). Dessa forma, associados ao projeto salvífico, o Espírito penetrando o mais íntimo de cada vida, santifica a tudo e a todos para que cada um eleve ao Pai com sua vida uma solene doxologia. O mesmo Espírito que inseriu os batizados vida divina, suscita à oração. Ao mesmo tempo que impulsiona para o alto, comunica o amor de Deus como resposta. Deste modo, a assembleia de culto é uma doxologia de louvor e proclamação da bondade de Deus realizada no mundo e que, por sua vez, constitui o conteúdo da resposta dos homens.

Ao abordar o tema da assembleia e sua estreita relação com o Espírito Santo, não podemos deixar de considerar a presença de Cristo que se manifesta em diversas formas. Em todas elas, age o Espírito Santo. Em nossa exposição escolhemos a modalidade da presença “quando a Igreja ora e salmodia”. Em toda a liturgia, a Igreja participa ativamente da ação litúrgica. Essa, por sua vez, é totalmente dialógica, tal como o Senhor sempre se comunicou com as suas criaturas. No que diz respeito a parte que cabe aos fiéis, o diálogo só pode ser realizado por vontade do Pai e no Espírito que ora no interior de cada fiel clamando “Abba Pai” e “Jesus é o Senhor”. A oração dos salmos na liturgia das horas expressa muito bem essa realidade. Nos salmos a Igreja é a voz do Espírito e como esposa de Cristo canta sem cessa a ação de graças em resposta ao amor benevolente e gratuito do Pai de Jesus Cristo.

Quando a Esposa de Cristo, divinamente plena do Espírito Santo ora em união com seu Chefe e seu Esposo, sua oração não é a oração deste ou daquele indivíduo, de um ou de outro grupo de pessoas isoladas, mas é a oração que procede do Espírito de Deus, a oração da verdade mais objetiva. É, ao mesmo tempo, a oração que reúne em comunhão todos os membros do Cristo místico. Partir de agora, vemos que, longe de negar e de impedir a oração pessoa litúrgica, ela exige uma participação pessoal real e íntima, viva e ativa. (CASEL, 2009, p. 101).

O Dia do Senhor é também o dia da assembleia. A sacramentalidade da assembleia, neste dia é vivificada e rejuvenescida pelo Espírito Santo. Assim, se tornará sempre uma realidade nova e totalmente ainda a ser descortinada. O mistério pascal de Cristo realizado na força do Espírito opera no coração dos batizados e em toda a comunidade celebrante a passagem para a condição de ressuscitados. Na celebração acontece uma transposição total de separação (pecado) para a comunhão. Nesse movimento age o Espírito quando a assembleia, dócil e atenta à suas inspirações permite-se à conversão (BRANDOLINI, 1992, p. 314).

O domingo [...] é também o dia em que expressa mais claramente a identidade da própria assembleia, a comunidade reunida em torno

do Senhor e movida por seu Espírito. [...] A assembleia dominical nos vai educando para uma consciência mais viva de Igreja, para um sentido mais profundo de pertença, para um compromisso de construção da comunidade, que não é realidade já conquistada, mas processo de amadurecimento a partir da convocação de Jesus Cristo e da animação do Espírito (ALDAZÁBAL, 2000, p. 82).

A obra salvífica de Cristo realizada na liturgia compreende também a dimensão escatológica. Essa forte acentuação tem em vista à realização final do plano do Pai na história dos homens e mulheres. Todos os domingos, a comunidade reunida para celebrar antegoza aquele dia sem fim que Cristo inaugurou e para qual, na sua consumação todos se sentarão para as núpcias do Cordeiro definitivamente. Enquanto aguardam a plenitude deste dia o Espírito e a Igreja clamam na liturgia “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22,17) (VANNI, 1984, p. 199-200). Assim, peregrinando no exílio terreno, vivendo a tensão escatológica do “já” e o “ainda não”, “o Espírito conduz a Igreja de Cristo, o Cordeiro de Deus, em sua comunidade nupcial com Deus, ao Pai” (MÜLLER, 2015, p. 296).

CONCLUSÃO

A assembleia litúrgica será sempre o *locus* primordial da presença e ação do Espírito. Na história da salvação essa realidade é clara e evidente. A liturgia, por sua vez, como vimos, atualiza na potência do Espírito os eventos salvíficos, sobremaneira no dia do Senhor. A comunidade cristã é sempre convocada a estar em assembleia para que na Palavra, na Eucaristia e na oração o Cristo se manifeste para comunicar a sua vida divina e reuni-los. Desse modo, a assembleia não está fechada, restrita e isolada. Todos são convocados e convidados a participar e ninguém pode ser excluído do Reino de Deus. Com isso, o Evangelho vivificado pelo Espírito na celebração é cumprido plenamente e assim *por Cristo, com Cristo e em Cristo* realizamos a vontade do Pai.

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, José. Domingo, o dia do Senhor. In: BOROBIO, Dionísio (Org.) A celebração na Igreja. Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, v. 3, p. 67-91.
- BOFF, Lina. Espírito e missão na obra de Lucas-Atos. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BRANDOLINI, Lucas. Domingo. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille Maria (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 305-318.
- CASEL, Odo. O mistério do culto no cristianismo. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual. Teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOÃO PAULO II, PP. Carta encíclica *Dominum et Vivificantem*. O Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo. 6ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

MÜLLER, Gehard Ludwig. Dogmática Católica. Teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAIGE, Terence. Espírito Santo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus: Vida Nova: Loyola, 2008, p. 484-495.

MANZATTO, Antônio. Espírito Santo. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopez (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 362-365.

VAGAGGINI, Cipriano. O sentido teológico da liturgia. São Paulo: Loyola, 2009.

VANNI, HUGO. Apocalipse uma assembleia litúrgica interpreta a história. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

VV.AA. O Espírito Santo na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1988.